

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

O INCONSCIENTE LITERÁRIO¹ LITERARY UNCONSCIOUS

Daniella Maria Giuliana Dos Santos², Giovani De Jesus Da Silva³

¹ XXV Seminário de Iniciação Científica realizado nos cursos de Psicologia e Letras da Unijuí

² Aluna do curso de Psicologia da Unijuí

³ Aluno do curso de Letras da Unijuí

Perdemos o contato com a cultura literária no decorrer das últimas décadas, e cremos termos perdido também algo mais. Paradoxalmente, no período de mais acesso aos livros e mais facilidade nos meios de se produzir da literatura, lemos menos, nossa produção é medíocre se lembrarmos que já tivemos funcionários públicos como Machado de Assis e José de Alencar; que houve períodos em que Clarice Lispector e Graciliano Ramos assinavam corriqueiras colunas semanais, onde jornalistas atendiam pelo nome de Nelson Rodrigues ou Otto Lara Resende; mais do que isso perdemos até mesmo a noção do simples papel da literatura na sociedade: o porquê da literatura.

Buscamos resgatar nesta proposta o lugar da literatura na formação da Civilização Ocidental, seu legado, seu papel na formação da imaginação, seu imprescindível requisito para a inteligência, a filosofia e a saúde psíquica. Foi pesquisado o caráter epistêmico e psicológico da imaginação, da formação do imaginário e o papel da literatura nesses processos através de levantamento bibliográfico desde a Antiguidade, passando pela Idade Média até a Modernidade, tendo em vista o esclarecimento ao leitor da compreensão do tema, desenvolvida pelas mais diversas abordagens.

Já na antiguidade (Século IV A.C.), a psicologia filosófica de Aristóteles concebia a imaginação como papel central do dinamismo psíquico e da racionalização como um todo. O sábio de Estagira percebera que ao pensar usamos uma espécie de imagem das coisas do mundo impressas na *psique*, imagens estas que são captadas pelos “sentidos externos” e guardadas nos “sentidos internos” fazendo uma mediação entre a percepção sensível e o pensamento:

“Poderíamos perguntar como acontece que, estando presente a modificação do espírito e estando ausente o objeto, seja possível recordar o que não está presente. Fica evidente que a impressão produzida graças à sensação, na alma e na parte do corpo implicada com a sensação, assemelha-se a uma pintura, cuja apreensão ocorre na memória. De fato o movimento produz no espírito quase como um traço de sensação.” (Aristóteles, 1993, p.69)

A “parte do corpo implicada”, o olho por exemplo, percebe a imagem (percepto) e a imprime “na alma” (psique) que mais tarde é retomada pela memória, produzindo “quase como um traço de sensação”.

Passando para o Século IV, transição da antiguidade para a civilização cristã, ao investigar a memória e a imaginação nos processos de cognição, Santo Agostinho escreve:

“Por exemplo, se alguém me conta que um monte foi desmatado e está plantado de

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

oliveiras, estará narrando algo sobre o que me lembro a respeito de imagens de montes, florestas e oliveiras. E caso delas já me tivesse esquecido, não saberia o que estava dizendo e seria incapaz de representar isso durante a narração". (Agostinho, 422/1995, p.356)

O processo racional acessa a memória como se fosse nosso banco de imagens e impressões, sensações e emoções ali, realizando assim pela imaginação o processo cognitivo. O Bispo de Hipona percebeu a consequência lógica que seguiria: sem a experiência prévia, não existe imaginação, e sem imaginação, não existe raciocínio, logo, não podemos raciocinar sobre o que não podemos imaginar:

"Ninguém pode pensar em uma cor ou forma corpórea que nunca viu; num som que nunca ouviu; num sabor que nunca provou; nem em aroma que nunca aspirou; nem contato corporal que nunca sentiu" (Agostinho, 422/1995, pp.357-58)

Algumas centenas de anos depois, a filosofia escolástica do Século XIII retomaria o trabalho de Aristóteles, desenvolvendo as conclusões de Agostinho, acrescentando à investigação o papel de cenas, dramatizações e metáforas, portanto, a literatura. Os escolásticos também enfatizaram que a imaginação é o limite do escopo da inteligência do indivíduo, o "intelecto possível", a formação do "intelecto habitual", ou então, sem literatura não há filosofia:

"Portanto para podermos compreender, é-nos necessário, ANTES DE TUDO o intelecto possível, que recebe as imagens das coisas inteligíveis em ato. Uma vez que o intelecto possível foi atingido pelas imagens inteligíveis, denomina-se intelecto habitual, já que possui as imagens inteligíveis de modo tal, que pode dispor delas quando quiser." (Tomás de aquino, 2004, p. 181).

Retomando, então, a experiência alimenta a imaginação, que por sua vez é o material do raciocínio. Qual a forma de experimentar emoções, sensações, "cenas", "dramatizações" sem vivê-las diretamente? A literatura.

Os povos mais primitivos já contavam suas histórias, ou como disse o poeta Thomas Love Peacock, "a poesia era o chocalhinho mental que despertava a imaginação da humanidade na sua infância primitiva". Com o surgimento da imprensa de Guttemberg no Século XIV, os povos foram conhecendo as estórias uns dos outros, a tragédia e os épicos gregos, Sófocles, Homero, Virgílio foram resgatados, as narrativas bíblicas, etc. Surgiram nesses séculos Dante, Camões e o "mestre da imaginação": Shakespeare.

O bardo, como era chamado Shakespeare, retratou dramas, traições, amores impossíveis, conspirações, vinganças, ódios, ressentimentos, lealdades eternas praticamente catalogando o ser humano em sua vasta obra. Não à toa, em o Admirável Mundo Novo, Aldous Huxley ao narrar a história do personagem John que cresce em meio aos "selvagens", fora daquela sociedade artificial, conhece como era antes a humanidade através da obra de Shakespeare que encontra nas ruínas.

Na modernidade encontramos o legado literário na obra de Sigmund Freud, seu conceito chave, O

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Complexo de Édipo, tem como base a tragédia de Sófocles, a questão narcísica, no mito grego de Narciso. Freud teve na literatura uma ponte para expor seus conceitos, pois a cultura já tinha assimilado o legado dessas histórias. Entre outros que povoaram os escritos freudianos podemos citar Shakespeare, Dostoiévski, Goethe, Dante. Sobre essa base literária, René Kaes foi categórico: “Nada do que a psicanálise descobriu do psiquismo humano está ausente do conto.” Sob a ótica da Psicanálise, a literatura é uma das formas de sublimação da Pulsão. Nas entrelinhas das histórias, encontramos o não dito, onde o sujeito se expressa, identifica e encontra materialização das suas questões mais profundas. O conhecimento advindo da prática analítica é chamado por Freud de ‘o saber dos poetas’, visto que esses são capazes de extrair das turbulências de seus sentimentos os conhecimentos mais profundos, expressos em seus poemas. A literatura traz representações para nossos sofrimentos, desperta emoções desconhecidas e ao transformar conteúdos inconscientes em fantasias representáveis, ampliamos o imaginário, diminuindo assim a nocividade das pulsões e seu conteúdo latente. Aprendemos a lidar com situações complexas e nos enraíza um profundo senso de esperança.

“Ler ou ouvir contos pode significar, então, continuar pensando sobre nós mesmos, no momento em que entramos em contato com sentimentos e conflitos difíceis de serem suportados e que, sem esse filtro da narrativa, poderiam paralisar nossa capacidade associativa ou ainda nos causar sintomas.” Gutfreind, Celso, 1963

Já na Psicologia Analítica, Carl Jung deixou nítida a contribuição da literatura em sua teoria dos arquétipos e inconsciente coletivo. Sem o registro literário, Jung talvez jamais tivesse chegado a elaborar tais conceitos. Os quatro principais arquétipos: Persona, Ego, Sombra, Animus/Anima são amplamente explorados nas expressões literárias desde a Antiguidade. Nas palavras de Jung:

“O significado do termo ‘archetypus’ fica sem dúvida mais claro quando se relaciona com o mito, o ensinamento esotérico e o conto de fada(...). O fato de que os mitos são antes de mais nada manifestações da essência da alma foi negado de modo absoluto até nossos dias” (Jung, 2003, p. 17).

O antropólogo Joseph Campbell, ao propor o Monomito em *O Herói de Mil Faces*, mescla conceitos freudianos e arquétipos junguianos em uma espécie de lista de etapas que o herói percorre em sua jornada. Frequentemente a obra de Tolkien, especialmente *O Senhor dos Anéis*, é usada para ilustrar tanto os arquétipos de Jung quanto a jornada do herói de Campbell. O Monomito é uma espinha dorsal da narrativa usada como fórmula em produções cinematográficas até hoje.

Diante dessa investigação (passando dos gregos aos escolásticos, e de duas linhas divergentes da psicologia) vemos o ponto comum da formação do imaginário. Podemos dizer, portanto, que sem imaginação não há inteligência; não há filosofia se não precedida pela linguagem literária. O contato com as obras clássicas mostra o elo que temos em comum enquanto humanos, independente de questões geográficas, culturais ou período histórico. A boa literatura, atestada pelo tempo, faz-nos viver mil vidas, mil perdas, mil decisões erradas, mil mortes, mil amores, mil traições; faz identificar-nos com os covardes e odiar nossa covardia. Nos transporta para outros lugares e outras épocas. Uma boa formação literária nos deixa menos propícios a depressões, insensibilidades, fanatismos, aumenta a resiliência ao sentir “dores que ninguém nunca sentiu”,

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

pois conhecendo a tragédia humana percebemos que “dores que ninguém nunca sentiu, é o sentimento mais comum”. Sem essa educação, jovens e adultos tendem a responder à vida por impulsos infantis e mesquinhos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Da alma. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2011
AGOSTINHO, STO. A Trindade. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1994 - (Patrística)
AQUINO, STO. T. Seleção de textos. Bauru, SP: Nova Cultural, 2004
CORSO, D. L.; CORSO, M. A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Artmed, 2016
FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996
FRYE, N. A imaginação educada. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017
GUTFREIND, C. O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios, 2010
JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003
ROUDINESCO, E. Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016

Palavras-chave: literatura; mito; imaginário; inteligência; saúde psíquica.

Keywords: literature; myth; imagination; intelligence; psychic health